

# **“A EPIDEMIA ACCOMMETTEU A POVOAÇÃO DE AMARRAÇÃO”: FEBRES INTERMITENTES/PALUSTRES E SEUS EFEITOS NO LITORAL LESTE DO CEARÁ NA DIVISA COM O PIAUÍ EM 1872**

## **"THE EPIDEMIC STRUCK THE POPULATION OF AMARRAÇÃO": INTERMITTENT/MALARIAL FEVERS AND THEIR EFFECTS ON THE EAST COAST OF CEARÁ, ON THE BORDER WITH PIAUÍ IN 1872**

Marcus Pierre de Carvalho Baptista<sup>1</sup>  
Francisco de Assis de Sousa Nascimento<sup>2</sup>

**RESUMO:** No contexto das enfermidades que acometeram o território brasileiro no século XIX, incluindo as províncias do norte, este artigo tem como objetivo compreender os distintos modos em que o distrito de Amarração, no Ceará na divisa com o Piauí, foi assinalado pela presença das febres intermitentes / palustres no início dos anos 1870, destacando-se as sensibilidades produzidas na localidade, bem como as representações construídas sobre a enfermidade pela população local. A metodologia empregada constou da pesquisa bibliográfica para conformar sobre o contexto sanitário piauiense e cearense na segunda metade do século XIX e da pesquisa documental, por meio de estudos em jornais de época e documentos do poder executivo produzidos pela província do Ceará. Os resultados apontaram que doenças como as febres intermitentes afetaram o cotidiano em Amarração no recorte temporal estabelecido, denotando que, além dos efeitos da própria enfermidade, foi responsável também pelo acometimento do medo na população da região.

**PALAVRAS-CHAVE:** Doenças; História da Saúde e das Doenças; Amarração; Ceará; Medo.

**ABSTRACT:** In the context of illnesses that afflicted Brazilian territory in the 19th century, including the northern provinces, this article aims to understand the various ways in which the district of Amarração, in Ceará on the border with Piauí, was marked by the presence of intermittent/malarial fevers in the early 1870s. It highlights the sensibilities produced in the locality, as well as the representations of the illness constructed by the local population. The methodology employed involved bibliographic

<sup>1</sup> Doutorado em História (UFPI). Universidade Federal do Piauí. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2774-6972> E-mail: [marcus\\_pierre@hotmail.com](mailto:marcus_pierre@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em História (UFF). Universidade Federal do Piauí. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1955-8891> E-mail: [franciscoufpi@gmail.com](mailto:franciscoufpi@gmail.com)

research to understand the health context of Piauí and Ceará in the latter half of the 19th century, along with documentary research through studies of period newspapers and executive branch documents produced by the province of Ceará. The results indicated that diseases like intermittent fevers affected daily life in Amarração during the specified timeframe, showing that, beyond the effects of the illness itself, it was also responsible for inducing fear among the region's population.

**KEYWORDS:** Diseases; History of Health and Illness; Amarração; Ceará; Fear.



10.23925/2176-4174.34.2025e68932

Recebido em: 30/10/2024.

Aprovado em: 02/02/2025.

Publicado em: 21/02/2025.

## Introdução

No dia 10 de março de 1872 é veiculado no periódico “O Cearense”<sup>3</sup>, publicado em Fortaleza, capital da província do Ceará, uma breve nota sobre o distrito de Amarração, à época, pertencente a esta província. Nesta curta publicação intitulada “Epidimias”, o jornal liberal destaca não apenas a presença da epidemia de febres intermitentes na localidade, mas os problemas decorrentes desta para a população local.

Não seria a primeira vez que a povoação em questão haveria de se preocupar com a presença de doenças consideradas de caráter contagioso, tampouco seria o último registro encontrado no decorrer do século XIX sobre as situações decorrentes da possibilidade da chegada de doenças ao então distrito de Amarração na divisa Piauí/Ceará no litoral de ambas as províncias.

Alguns anos antes, na década anterior, quando as províncias do Ceará e Piauí foram afetadas pelo cólera, é possível encontrar registros dos receios acerca da doença grassar em espaços próximos à Amarração, a exemplo da cidade de Parnaíba

---

<sup>3</sup> Em 1846, o periódico de orientação liberal “O Cearense” lançou sua primeira edição no Ceará, estabelecendo-se, por um longo período ao longo do século XIX, como um dos principais instrumentos de comunicação do Partido Liberal na província cearense. Sua publicação perdurou até o ano de 1891, em Fortaleza, com uma periodicidade que variava de acordo com as circunstâncias, podendo contar com uma ou mais edições semanais. O jornal era distribuído tanto por meio de assinaturas quanto por exemplares avulsos, conforme o interesse do público (Fernandes, 2004).

no litoral piauiense e, à época, vizinha ao citado povoado. A doença, que já provocara centenas de óbitos na província do Piauí (Baptista, 2022), bem como milhares de mortes no Ceará, no início dos anos 1860 (Alexandre, 2010; Lemos, 2016; Maciel, 2017; Alexandre, 2020), também torna a ameaçar Amarração nos anos 1880, especificamente em 1884, quando passa a se temer a possibilidade da enfermidade se fazer novamente presente em território piauiense, por meio do porto existente em Amarração, haja visto o novo surto que afetava o continente europeu (Baptista, 2022).

Não apenas em Amarração, na divisa norte entre Piauí e Ceará, mas a segunda metade do período oitocentista tratou de um momento no qual se torna comum a existência de doenças de caráter endêmico e epidêmico, sendo possível encontrar diversos registros de enfermidades distintas afetando a província piauiense (Melo Filho, 2000), a exemplo da febre amarela (Nunes, 2007; Santana, 2017), do cólera (Santana, 2017; Baptista, 2022), da varíola (Santana, 2017; Baptista; Nascimento, 2021; Nery, 2021), da raiva (Baptista; Nascimento, 2021), bem como das febres intermitentes/palustres (Nery, 2021), objeto de discussão para a narrativa que ora buscamos tecer.

Estas enfermidades, por sua vez, provocavam múltiplas reações nas localidades que grassavam, modificando sensivelmente o cotidiano social das pessoas que ali habitavam. Pode-se citar, por exemplo, a tomada de medidas sanitárias por parte da administração pública para evitar a chegada da enfermidade ou reduzir sua proliferação quando esta já se encontrava no território provincial. No caso do cólera, é possível encontrar diversos registros acerca desta atuação do governo provincial, como a construção de lazaretos e a realização de quarentenas, bem como a publicação e veiculação na imprensa dos sintomas e modos de tratamento com o intuito de evitar a propagação da doença (Baptista, 2022).

Para além disso, é possível encontrar, ainda na documentação de época, registros sobre outras questões que acompanham as experiências das populações humanas que se deparam com situações limite como um surto epidêmico, ou seja, o medo de ser contaminado e, não apenas isto, mas que após contrair a doença o sujeito, de um modo ou de outro, termine contemplando a finitude de sua existência e, por fim, indo a óbito (Tuan, 2005).

Esta situação, levando em conta a epidemia do cólera, que também marcou as sensibilidades dos indivíduos que viveram em Amarração e no restante da província

do Piauí na segunda metade do século XIX, também pode ser discutida ao considerarmos os registros sobre as febres intermitentes/palustres nos anos 1870 no distrito de Amarração.

Deste modo, o objetivo deste artigo foi o de compreender os distintos modos que Amarração foi assinalada pela presença das febres intermitentes/palustres no início dos anos 1870, destacando-se as sensibilidades produzidas na localidade, bem como as representações construídas sobre a enfermidade pela população local.

Destarte, utilizamos, enquanto metodologia, a pesquisa bibliográfica, dialogando com autores que possibilitassem a compreensão do contexto sanitário piauiense e cearense na segunda metade do século XIX, como Alexandre (2010), Lemos (2016), Maciel (2017), Alexandre (2020), Nery (2021), Baptista (2022), dentre outros. No tocante à operacionalização do conceito de medo e à relação estabelecida entre este, a morte e as enfermidades, juntamente às fontes coletadas e analisadas, autores como Reis (1991), Tuan (2005), Delumeau (2009) e Ariès (2012) permitiram a realização desta discussão para a conjuntura de Amarração.

Trabalhamos também com a pesquisa documental, problematizando jornais de época, notadamente três edições do periódico “O Cearense” publicadas entre março e maio de 1872, bem como documentos do poder executivo produzidos pela província do Ceará, especificamente o Relatório de Presidência da Província de João Wilkens de Mattos<sup>4</sup>, apresentado também em outubro de 1872.

Assim, por meio da narrativa aqui costurada, foi possível perceber como a presença das febres palustres ou intermitentes em Amarração no ano de 1872, apesar de breves, foram suficientes para provocar mortes entre a população local, bem como constituir um imaginário social do medo em torno desta enfermidade, além da produção de uma representação<sup>5</sup> da enfermidade enquanto um mal naquela conjuntura.

---

<sup>4</sup> Foi presidente da província do Ceará entre 12 de janeiro a 30 de outubro de 1872, à época correligionário do Partido Conservador (Fernandes, 2004).

<sup>5</sup> Segundo Chartier (2002), a representação por vezes não implica uma reprodução do Real em si, mas sim o olhar de um grupo ou de um indivíduo sobre algo ou sobre o Outro. Deste modo, a representação se trata de uma construção social, sendo uma perspectiva sobre a realidade, mas não o que entendemos enquanto Real. Assim, por meio da representação estabelecemos uma relação entre símbolos e os sentidos dados a estes, compreendendo ainda que estes significados podem se modificar de acordo com o tempo, bem como por meio da circularidade cultural à medida que esta interpela os sujeitos, afetando os modos como estes consomem e produzem o espaço em que vivem.

## **1. “Surta neste porto e muitas outras pessoas estão atacadas do mesmo mal”: febres intermitentes/palustres e seus efeitos em Amaração na segunda metade do século XIX.**

O século XIX no Brasil, especialmente sua segunda metade, foi um período histórico assinalado por diversos aspectos. Questões políticas, sociais, culturais e econômicas marcaram o cotidiano e a vida dos sujeitos no decorrer do período oitocentista e, à medida que atravessaram as pessoas que ali viveram, estas produziram novas sensibilidades ao tempo que eram interpeladas por estes elementos.

Dentre estes, é possível citar as distintas enfermidades que afetaram as províncias do império brasileiro de norte a sul durante o século XIX, os diferentes modos como estas influenciaram o dia a dia dos indivíduos, bem como os variados significados que os sujeitos ao tempo que vivenciavam esta conjuntura buscaram dar sentido a este contexto e as experiências em questão.

Sobre esta conjuntura, Nascimento (2019) comenta sobre as maneiras singulares em que cada província afetada por surtos epidêmicos agiu no sentido de mitigar os impactos no contexto local. Províncias como a do Amazonas, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Sergipe, estabeleceram práticas e ações decorrentes dos aspectos particulares das doenças que afetaram cada localidade.

Assim, segundo a autora, à medida que doenças como a febre amarela, o cólera, a varíola, sífilis e/ou tuberculose, alteravam o cotidiano destes espaços, é possível encontrar registros diversos na imprensa, literatura e em documentos de caráter oficial produzidos pelos respectivos governos provinciais que trataram acerca desta conjuntura.

Vestígios sobre práticas de cura denotam as celeumas em torno do monopólio destes saberes entre médicos formados e curandeiros de caráter popular. Eles também evidenciam a criação de espaços e instituições para receber e atender enfermos destas doenças, a construção de cemitérios afastados dos espaços urbanos para enterro das pessoas que terminaram indo a óbito, a implementação de serviços de vacinação para tentar mitigar os efeitos dos surtos epidêmicos da varíola, e, de modo geral, os efeitos destes surtos nas populações marginalizadas, especialmente os pobres e escravizados (Nascimento, 2019).

Neste sentido, várias foram as enfermidades que afetaram o dia a dia das pessoas que viveram no contexto do Brasil oitocentista e diversos são os modos como o historiador pode perceber e analisar estes aspectos. Em seu olhar cabe inferências desde as políticas adotadas pelo Estado para abordar as situações postas até as formas como o imaginário social dos indivíduos e suas práticas diárias são afetadas pelo contato e convivência com estas doenças.

Dentre estas doenças e possibilidades de análise, dois elementos merecem menção, haja visto que se tornam escopo para a narrativa ora produzida: as febres palustres ou intermitentes e a questão da reação frente a possibilidade de ser contaminado por estas, isto é, o temor, o pavor, o imaginário social do medo.

Assim como as demais moléstias previamente citadas, as febres palustres ou intermitentes, hoje compreendidas enquanto a malária, estiveram presentes no cotidiano das pessoas que viveram no império brasileiro de modo endêmico, acumulando um número significativo de mortes ao longo deste século. A malária, conhecida por diferentes nomes, como paludismo ou impaludismo, febres palustres ou intermitentes, sezão, sezonismo, sezões, tremedeira, carneirada, batedeira (Del Priore, 2016) é uma doença provocada por um parasita denominado plasmódio que tem sua transmissão por meio do mosquito *Anopheles*.

A partir do momento que o parasita, por meio da picada do mosquito, infecta o ser humano, passa a se utilizar de nossas hemácias para garantir sua reprodução e esta, consequentemente, destrói os glóbulos vermelhos à medida que libera mais parasitas na corrente sanguínea da pessoa infectada. Deste modo, tem como principais sintomas a anemia, resultado do rompimento dos glóbulos vermelhos, “[...] febres elevadas acompanhadas de dores pelo corpo, dores musculares e nas juntas, prostração, fadiga, enjôo e calafrios [...]” (Ujvari, 2012, p. 106).

No Ceará, assim como no Piauí é possível encontrar registros variados desta enfermidade tanto em séculos que precedem o período oitocentista, como também no decorrer do século XX. Em várias cidades piauienses, por exemplo, há menções quanto a presença da doença, especialmente em contextos de enchente, podendo-se citar o caso da enchente de 1926 e as indicações na imprensa de época sobre o avanço do paludismo, principalmente nas populações mais afetadas pelo evento.

Neste contexto, desde que a malária se apresentava enquanto um problema para o Piauí, impondo ao governo estadual a necessidade de tomada de ações, é

possível encontrar, nos relatórios de governo de estado da época, menções a esta, inclusive em recortes temporais em que o estado não vivenciava situações de enchente, indicando-a enquanto uma “[...] das principais endemias que nos flagelam [...]” (Piauhy, 1920, p. 44). Em outros documentos, como o relatório de 1927, também do governo do estado do Piauí, é possível encontrar ainda as medidas que o poder público tomava com o intuito de mitigar os efeitos do paludismo que se tornava motivo de preocupação à época em função da enchente do rio Parnaíba de 1926 (Piauhy, 1927).

Assim como o Piauí, ao considerarmos o caso de sua capital, a cidade de Teresina, onde os rios Parnaíba e Poty se encontram, de modo similar, em função de suas existências e do desenvolvimento do espaço urbano ao redor de suas margens, era comum a presença da doença, bem como o surgimento de surtos, especialmente em conjunturas que denotavam as cheias de um dos rios (Nery, 2021).

Desta forma, para Nery (2021) e Nery e Cardoso (2021) a malária não apenas se configurava enquanto uma endemia ao considerarmos o Piauí, mas também foi motivo de preocupação em diferentes contextos, sobretudo, por parte das autoridades públicas, tendo se tornado razão para a tomada de ações que tinham por objetivo reduzir os efeitos que a doença poderia ocasionar aos piauienses. Para tanto, pode-se citar a tentativa de realizar a educação sanitária dos indivíduos por meio da disseminação de documentos que traziam informações sobre enfermidades corriqueiras neste cenário, dentre elas o impaludismo.

O Ceará, por sua vez, também acumula registros variados sobre a presença da malária em seu território. Pode-se citar os indícios de febres palustres ainda durante o período colonial, com a ocorrência de surtos destas no período setecentista, posto que, à época, a pedido da administração cearense, interveio uma comissão de Pernambuco integrada por praticantes de cura, como cirurgiões e boticários, na tentativa de mitigar os efeitos do surto de febres palustres que “[...] fazia devastações pela Ribeira do Acaracu e villa de Sobral [...]” (Studart, 1997, p. 25).

Contudo, outro documento de época, notadamente a obra “Memória sobre o clima e secas do Ceará”, de Tomaz Pompeu de Souza Brazil<sup>6</sup>, publicado em 1877, de

---

<sup>6</sup> Nascido em Santa Quitéria (CE) em 1818 e falecido em 1877. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas em 1843 em Pernambuco. Ao retornar para Fortaleza foi diretor do Liceu, após a fundação deste, e da Instrução Pública no Ceará. Em 1845 assumiu a vaga de deputado geral e a partir de 1864 se tornou senador do império brasileiro. Autor de várias obras,



modo semelhante também destaca evidências desta enfermidade em localidades próximas à divisa com o Piauí, principalmente a ribeira do Acaracú, a porção oriental da Serra da Ibiapaba e a cidade de Sobral. Afirma, então, que:

Havia uma tradição antiga, de que, em um dos grandes invernos do século passado, a ribeira de Acaracú e a cidade de Sobral foram acometidas de febres intermitentes, que reinam na provincia de Piauhy, principalmente nos valles dos rios Poty e Parnahyba.

Depois do grande inverno de 1866 reapareceu na ribeira de Acaracú, de certa altura, inclusive a cidade de Sobral, até a barra, a epidemia das febres intermitentes, que nesse anno levou muitas victimas, e perdurou até o fim da secca.

Este phenomeno reapareceu desde então em todas as estações invernosas, principalmente nos grandes invernos subsequentes.

Dizem os moradores dos lugares invadidos do mal, que apparecêra quasi instantaneamente depois de uma grande chuva de 1866, impellida por forte temporal soprado do noroeste, isto é, da rigião de Piauhy; e que, sempre que o vento muda de rumo, soprando do noroeste, o inverno é mais prompto, mais intenso, e com elle a febre intermitente de Piauhy.

A influencia do vento desse rumo sobre as chuvas no Ceará é incontestavel, e explicavel, pelos principios meteorologicos, de que mais adiante tratarei; porém que, a par dos vapores aquosos impellidos da serra de Ibiapaba, traga tambem o principio deleterio, que desenvolve a peste, - deixo ao juizo dos homens da sciencia; entretanto o facto parece tambem explicavel por essa circumstancia. Na verdade, attribuir o apparecimento e desenvolvimento das febres palustres em toda a ribeira do Acaracú, ou antes da corrente das aguas que descem da falda oriental da serra de Ibiapaba, sómente ao facto da inundação, mais ou menos prolongada por esses lugares, não resolve a questão: porque, por muitas vezes esses sítios têm passado por extensas inundações sem o apparecimento da febre; assim como muitas outras regiões mais apartadas soffrem as mesmas inundações, e nunca nellas appareceu a febre. O vento do noroeste naquella região póde trazer os miasmas palustres dos rios Poty, Longá e Parnahyba, onde constantemente reinam febres intermitentes (GRANDES Invernos e Inundações, O Cearense, 1880, p. 1-2).

Desta forma, a partir do documento evidenciado, algumas questões podem ser realçadas com o intuito de nos ajudar a compreender não somente a presença das febres palustres no Ceará, mas especificamente em Amarração na década de 1870, recorte temporal e espacial que nos interessa nesta narrativa.

Cabe ressaltar que os espaços indicados pela documentação citada de serem acometidos por esta enfermidade entre o final do século XVIII e XIX se trata de localidades próximas à divisa com o Piauí que, segundo Nery e Cardoso (2021), além

---

especialmente sobre o Ceará, de cunho estatístico, geográfico e histórico. Dentre estas produções pode-se citar “Memória sobre o clima e secas do Ceará” (1877) (SENADOR Tomás Pompeu de Souza Brasil, 1977).



dos próprios registros aqui utilizados, sofria com a presença das febres palustres de modo endêmico.

Mesmo que o documento em si não se refira ao litoral norte na divisa com o Piauí, isto é, à época a vila de Amarração, ainda assim nos ajuda a elencar algumas possibilidades sobre os porquês da presença desta enfermidade no espaço aqui estudado em fins do período oitocentista.

O primeiro aspecto que o trecho da obra auxilia em nosso entendimento se refere à existência de registros de febres palustres em território cearense em fins do século XIX, para além do vestígio indicado no século anterior por Studart (1997). Indica ainda que a doença torna a aparecer na província do Ceará na segunda metade da década de 1860 após um inverno rigoroso<sup>7</sup>, ou seja, posteriormente a um momento marcado por um período chuvoso intenso.

Este elemento se torna importante, haja visto a possibilidade de ocorrência de enchentes e inundações em decorrência desta conjuntura evidenciada pelo registro de chuvas volumosas que podiam atuar, de modo similar a Teresina, enquanto “[...] focos para a propagação da doença [...]” (Nery, 2021, p. 125).

Conquanto o documento trate em apresentar outra explicação para o aparecimento do “mal”, recorrendo a teoria miasmática<sup>8</sup> e a ideia de que a doença estaria chegando ao Ceará, a partir de outro território, por meio de fatores meteorológicos, notadamente através de ventos que viriam da província vizinha do Piauí<sup>9</sup>, nosso interesse resvala no primeiro aspecto, mas também na indicação da existência destas febres nas proximidades de certos rios, como o Parnaíba.

---

<sup>7</sup> Na documentação do século XIX para as províncias do norte do Brasil, principalmente Piauí e Ceará, se compreendia enquanto inverno o que hoje entendemos enquanto período chuvoso do ano que ocorre durante o verão no hemisfério sul.

<sup>8</sup> No século XIX se acreditava que as doenças eram provocadas pela existência de espaços insalubres, tendo em vista que estes emanariam odores pútridos que seriam os responsáveis por contaminar a população. Deste modo, segundo esta corrente de pensamento, era necessário higienizar estes espaços, evitando a proliferação de miasmas que estavam presentes em excrementos, habitações insalubres, cadáveres, solos umedecidos, água suja, entre outros. Durante o século XIX esta teoria foi utilizada por médicos e higienistas à medida que elaboravam discursos para atuar no espaço político e público, oferecendo explicações para o surgimento das doenças, além de indicar as profilaxias e ações a serem realizadas (Mastromauro, 2011).

<sup>9</sup> Historicamente é prática recorrente imputar a origem de uma enfermidade a um território alheio, legitimando, assim, a perspectiva de que o flagelo tem sempre procedência externa. É possível observar isso em casos de surtos epidêmicos e em pandemias como a sífilis no período moderno (Ujvari, 2012) e a gripe espanhola no século XX (Goulart, 2003).

Neste sentido, não é surpresa que encontremos registros de febres palustres em Amarração durante o início da década de 1870. A localidade não somente encontrava-se próxima as regiões do Ceará afetadas pela enfermidade neste contexto, como se tratava de um espaço alagadiço, segundo descrições de época (Baptista, 2023), e localizada à beira da foz do rio Parnaíba.

Referia-se, então, a um espaço propício para o desenvolvimento desta doença, tendo em vista que o vetor de sua disseminação é um mosquito que se reproduz em áreas alagadiças de regiões tropicais. No entanto, se em anos anteriores houve o registro de chuvas intensas em parte do território cearense, conforme observado por Tomaz Pompeu de Souza, este também foi o caso do ano de 1872, segundo o relatório de presidência da província do Ceará do presidente João Wilkens de Mattos. Neste documento, ao tratar sobre a saúde pública da província, tem-se o seguinte:

No mez de Março d'este anno manifestou-se na villa de Sant'Anna, comarca do Acaracú, febres palustres, que, até o mez de Junho, ultimo, atacaram os habitantes das comarcas da Capital, Sobral, Imperatriz, Granja, Ipú e Russas.

Atribue-se o desenvolvimento dessas febres com maior intensidade as extraordinarias chuvas que innundaram muitos pontos da provincia, nos primeiros mezes do corrente anno.

A proporção que me chegavam ás mãos as participações e reclamos das autoridades locaes, nomeava em commissões para soccorrer os indigentes, mandando pôr á sua disposição os meios indispensaveis para occorrer no tratamento.

Segundo as informações, que me foram enviadas pelas commissões, o numero de pessoas accommettidas d'essa febre elevou-se á 13.082, das quaes 5.723 receberam soccorros publicos.

Na comarca da Granja:

Doentes das febres – 2.762

Soccorridos – 1.662

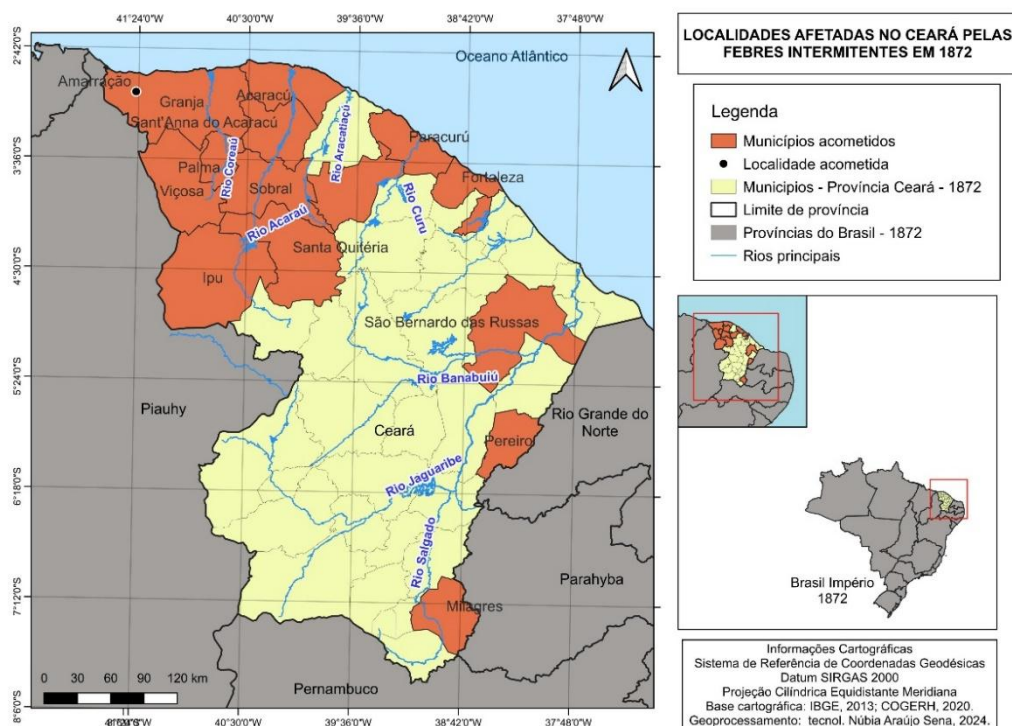
[...]

A epidemia accommetteu ás cidades da Granja, S. Bernardo e Sobral, as villas de Sant'Anna, Paracú, Santa Quiteria, Acaracú, Palma, Viçosa, Pacatuba, Milagres, Pereiro, Ipú, S. Francisco, e as povoações de Tabatinga, Trahiry, **Amarração** e Soure.

Abri créditos, na fórmula da lei, para soccorrer aos indigentes, despendo-se a quantia de 20:019\$419 réis, inclusive o honorario á médicos, que fiz contractar, em Sobral, e na Granja [...] (CEARÁ, 1873, p. 21, grifo nosso).

O mapa 1 proporciona uma visão dos espaços atingidos pela enfermidade na província do Ceará no ano de 1872, dentre eles Amarração, permitindo uma compreensão mais aprofundada da gravidade da situação para os indivíduos que viviam nestas localidades durante este contexto histórico.

**Mapa 1 – Localidades afetadas no Ceará pelas Febres Intermitentes em 1872**



Fonte: elaboração dos autores, 2025.

Deste modo, a partir do documento da presidência da província e do mapa 1, algumas ponderações se tornam possíveis de serem produzidas, notadamente sobre aspectos diversos que assinalam a província do Ceará, nesta conjuntura, no que se refere aos efeitos de febres intermitentes/palustres em diversas localidades do território cearense no primeiro semestre de 1872.

Cabe inferir a percepção por parte das autoridades públicas quanto à correlação existente naquele momento entre áreas alagadas e a presença da doença, à medida que, em contextos com volumes substanciais de chuva, havia a possibilidade de surtos epidêmicos, a exemplo do que se sucedia naquele ano.

Importante lembrar também que se tratava de um recorte temporal no qual ainda não se conhecia ao certo o agente etiológico que provocava as febres

intermitentes/palustres. Ainda que se soubesse da relação entre estas e espaços alagadiços ou próximos a rios, não se conhecia ainda o parasita responsável pela doença em si e como este infectava as pessoas, o que justificava o disposto no documento quanto a responsabilidade que as chuvas carregavam naquele momento no tocante à epidemia.

Além disso, chama a atenção também o número de pessoas acometidas pelas febres naquela conjuntura, haja visto que, segundo o censo de 1872 (Brasil, 1872), de uma população de 17.237 habitantes na comarca de Granja registrou-se 2.762 enfermos, isto é, aproximadamente 16% da população. Considerando ainda que no município de Granja havia 13.850 almas e no de Amarração 3.387 almas (Brasil, 1872), e que à época Amarração pertencia a Comarca de Granja, podemos inferir, a partir da mesma proporção, que destes 2.762 indivíduos acometidos por febres intermitentes, 541 viviam em Amarração.

Deste modo, possivelmente, quase um quinto da população de Amarração foi acometida pela enfermidade naquele momento, o que também auxilia a compreender a preocupação da população local ainda em março de 1872, quando se registravam os primeiros pedidos de auxílio oriundos do distrito de Amarração no periódico “O Cearense”, publicado na capital da província cearense.

Contudo, outro aspecto que merece destaque se refere às ações colocadas em curso pela presidência da província do Ceará, os recursos utilizados, a quantidade de pessoas supostamente socorridas e as distintas interpretações que podemos produzir considerando a conjuntura da época, notadamente os porquês em torno destes atos de socorros por meio de comissões locais.

Quanto à quantidade de pessoas socorridas, segundo o documento, este número seria em torno de 1662, ou seja, dos 16% de sujeitos acometidos da população total pela enfermidade, 9,64% foram supostamente socorridos pelo governo da província através dos recursos enviados e da comissão local criada.

No entanto, o que nos chama a atenção aqui não se trata da porcentagem de pessoas supostamente socorridas, mas sim a menção realizada pelo documento acerca de quem seriam esses sujeitos, isto é, indigentes que viviam nas localidades citadas e a necessidade de se dispender créditos e contratar médicos para atendê-las.

A preocupação que o governo da província teve no tocante a estes grupos populacionais não decorre à toa, mas dialoga com um pensamento presente naquele momento em finais do século XIX e início do século XX. Este imaginário, por sua vez, produzido pelas elites da época, edificou uma perspectiva marcada por uma dicotomia entre o indivíduo trabalhador e aquele que era ocioso (Chalhoub, 2012).

Este último passava a ser enquadrado no interior de um pensamento que o identificava enquanto pertencente a classes perigosas, grupos que representariam um risco à sociedade, haja visto que o ócio tornar-se-ia, neste contexto, o estágio inicial da criminalidade, o que configurava para as elites a necessidade de disciplinar estes sujeitos (Chalhoub, 2012).

Esta disciplina, por sua vez, operava-se de modo a transformar o indivíduo em alguém útil à sociedade, em um trabalhador, considerando o valor social e moral que o trabalho detinha neste momento. Deste modo, a ociosidade e as práticas vinculadas a criminalidade não apenas justificaram como também foram utilizadas para legitimar os distintos modos de disciplinarização e ordenamento dos grupos menos abastados (Chalhoub, 2012).

Em Teresina, por exemplo, nos anos 1870 é possível encontrar documentos que indicam não apenas a preocupação das elites piauienses quanto a situação de miserabilidade da cidade, mas também solicitações de que as autoridades públicas tomassem medidas efetivas contra estes sujeitos pobres, notadamente em situações de calamidades, a exemplo da seca de 1877-79 (Araújo, 1995; Melo Filho, 2000).

O receio que ocorria à época era que a conjuntura de calamidade pública ampliasse a situação de miserabilidade naquele momento no qual “[...] pobres transitavam fracos, inválidos, famintos, cambaleando entre a multidão suplicando a todo custo uma ajuda [...]” (Melo Filho, 2000, p. 63), incorrendo na possibilidade de uma convulsão social.

No contexto cearense, conforme Cândido (2014), a situação era similar com o governo provincial, tomando medidas semelhantes em momentos de calamidade social, como os episódios de seca vivenciados pelas populações cearenses, mas também os de epidemia, durante a segunda metade do século XIX. A estratégia empregada era o de aplicar recursos e criar comissões que deveriam atuar não necessariamente pensando no bem-estar daqueles mais afetados por estas conjunturas, mas sim de tentar evitar que estes indivíduos, especialmente ao

chegarem nas cidades, produzissem uma situação de convulsão social à medida que o cenário de miserabilidade se ampliava em função das condições de seca ou epidêmicas.

Neste último caso, isto é, as ocorrências de epidemias, Cândido (2014) reforça ainda a preocupação das elites e do governo provincial cearense quanto aos menos abastados, a exemplo das vacinações seriadas realizadas com migrantes contra a varíola, por também perceberem estes grupos enquanto vetores de disseminação das enfermidades existentes nesta época.

Deste modo, a preocupação da presidência da província em socorrer os indigentes afetados pelas febres intermitentes em 1872 em Amaração não se relacionava diretamente com uma suposta preocupação pelo bem-estar<sup>10</sup> social destes sujeitos. O documento, devendo ser percebido enquanto um modo de interpretar a realidade, notadamente como um olhar dos grupos que detém poder sobre as classes menos abastadas, permite produzir inferências quanto a esta necessidade de atender os indigentes estando vinculada aos medos sociais que as elites possuíam naquele momento, isto é, os receios em torno de uma situação generalizada de revoltas sociais e também de contaminação mediante o contato com estes indivíduos, que também eram percebidos enquanto vetores de propagação destas doenças.

A própria imprensa no Ceará também atuava no sentido de legitimar esse olhar dos pobres enquanto classes perigosas, bem como do problema que o ócio representava socialmente à medida que gerava indivíduos potencialmente perigosos e que não estariam enquadrados no ordenamento social. Defendia, de modo similar, a disciplinarização dos corpos destes sujeitos mediante a imposição do trabalho e a

---

<sup>10</sup> Deve-se destacar que estes motivos não estiveram ausentes de algumas ações tomadas por indivíduos neste período, conforme Maciel (2017), ao discutir o caso do Dr. José Lourenço e suas recomendações quanto aos tratamentos e informações que todos deveriam ter em relação a epidemia do cólera no Ceará. Segundo o autor, as recomendações feitas por José Lourenço às populações que teriam acesso ao jornal, espaço no qual se veiculava as indicações do sujeito em questão, reforçariam a tomada de ações por parte dos mais abastados para mitigar os efeitos do cólera, especialmente entre as pessoas pobres e indigentes, não por temer ações de revolta por parte destes últimos, mas por considerar a importância que a fé e a caridade cristã têm no imaginário e no ordenamento social naquele momento. Auxiliar os indigentes, então, atenderia também a uma questão espiritual e religiosa, além das questões políticas e sociais postas nesta conjuntura.



domesticação de seu pensamento através da valorização deste atributo, visto enquanto algo moral pelos grupos abastados naquele contexto (Cândido, 2014).

Assim, não é por acaso a preocupação veiculada no jornal “O Cearense” nas edições de 10 de março, 24 de março e 9 de maio de 1872, tanto de moradores de Amaração como dos próprios redatores dos jornais, quanto à situação vivenciada nas localidades afetadas pelas febres intermitentes naquele ano. Nas entrelinhas destes registros emergem questões políticas, sociais, mas também de sensibilidades, conforme podemos observar nos documentos transcritos a seguir.

**Epidimias.** – Na freguezia da Amaração estão grassando com intensidade as intermitentes. A população lá está morrendo à mingua de recursos medicos. Eis o que d’ali nos communicam:

<Rodolhe o obsequio de por meio de seu conceituado jornal chamar a atenção do governo para o estado sanitario deste districto, que nesta ultima quinsena não é satisfactorio; as febres intermitentes tem tomado um caracter assustador. Aqui nesta povoação quasi em todo districto tem ellas feito victimas. No 1.º deste succumbiram 4 pessoas, inclusive um tripolante da barca ingleza <Therezina> surta neste porto e muitas outras pessoas estão atacadas do mesmo mal. O certo é que o n.º dos doentes aqui pode subir a mais de 20, alguns dos quaes estão em perigo de vida.

Infelizmente não temos recursos; se o governo não lançar suas vistas para esta infeliz terra, temos de lamentar muitas vidas> (EPIDIMIAS, O Cearense, 10 de março de 1872, p. 2).

[...]

**A situação da Granja.** – A infeliz população da comarca da Granja continua sob a pressão de crueis flagellos : a fome e 3 ou 4 qualidades de epidemias. A villa da Palma, Iboassú, Amaração estão sendo devastadas por esses flagellos.

Ha casas onde existem 10, 12 pessoas accomitidas. Aqui é um infeliz que succumbe ao terrivel mal, ali é outro que exbala o ultimo suspiro pedindo pão!

O thesouro recheado e o povo morrendo á fome!

O governo da provincia tem, é verdade tomado algumas providencias, porém tão mingudass que não podem mitigar a sorte de um terço do que soffrem.

Consta que se mandou para ali a quantia de 500\$000 para ser distribuida por toda comarca. É uma gota d’agua no oceano. Além disso ali ha quasi absoluta falta de generos alimenticios. A presidencia obraria melhor se mandasse empregar essa ridicula quantia em generos para distribuir-se ali com o povo [...] Insistimos ainda no alvitre de promover-se aqui uma subscrição em favor d’aquelles infelizes. O nosso povo não desconhece os sentimentos humanitarios e por tanto todos concorrerão com o seu obulo para matar a fome dos que soffrem [...] (A SITUAÇÃO da Granja, O Cearense, 24 de março de 1872, p. 2).



**Peste e fome.** – De todos os pontos da comarca da Granja chegam-nos notícias atterradoras dos estragos feitos na população pela fome e peste. Esses dous flagellos vão disimando horivelmente. Ao governo cumpre tomar serias providencias [...] (PESTE e fome, O Cearense, 24 de março de 1872, p. 2).

**Epidemia na Amarração. –**

Escrevem-nos dali em 2 do corrente:

<As febres teem grassado horivelmente; o povo mormente a classe menos favorecida, dos arrebaldes, tem succumbido mais pela fome do que mesmo pela epidemia. A miseria apresenta-se com todo seu cortejo de horrores.

Clame por providencias, meu amigo> (EPIDEMIA na Amarração, O Cearense, 9 de maio de 1872, p. 1).

Assim, os registros no periódico liberal “O Cearense” permitem produzir certas reflexões que extrapolam aquelas realizadas previamente ao considerarmos o documento fabricado pela presidência da província durante o tempo em que o conservador João Wilkens de Mattos atuou enquanto presidente.

Nos vestígios presentes nos jornais, outras questões agora tomam forma, explicitando aspectos do imaginário social, político e religioso, bem como das sensibilidades vivenciadas durante aquele momento, em um cenário sensivelmente marcado por uma situação que afetava o cotidiano dos sujeitos que ali viviam.

Portanto, é interessante observar o destaque feito nos documentos hemerográficos quanto ao modo em que a conjuntura era percebida pelas populações locais, mas também pelos próprios redatores, não sendo sem motivo que termos como “Peste”, “Mal”, “Flagelo” são utilizados à época para descrever a doença que grassava na localidade e que gerava naquele contexto dezenas de vítimas em Amarração. Estes termos, por sua vez, dialogam diretamente com um imaginário social existente naquele período<sup>11</sup>, isto é, de que

[...] tratava-se de uma racionalização comum realizada dentro do imaginário judaico-cristão para compreensão do porquê uma epidemia disseminava-se rapidamente em determinada localidade, vinculando-se o surto epidêmico a um castigo divino em função de alguma transgressão realizada por aquela sociedade (Baptista, 2022, p. 81).

Do mesmo modo, quando a localidade era “poupada” ou, por acaso, a região não fosse tão marcada por certas epidemias assim como em outros locais, era a

---

<sup>11</sup> Não apenas as febres intermitentes, mas é possível encontrar outras associações de doenças enquanto castigos divinos ao longo do Brasil e no decorrer da História, a exemplo do cólera, conforme evidenciado por Tuan (2005) e Baptista (2022).

Divina Providência que tomava forma, que havia evitado que a situação se desenvolvesse de maneira similar ou mesmo em um quadro mais grave do que em outros espaços (Tuan, 2005; Franco; Nogueira, 2019; Baptista, 2022).

Outro elemento também presente nestes documentos e que indica um aspecto distinto que marcava o imaginário social durante a ocorrência destes episódios refere-se ao medo da situação em si, medo do que aquilo representava, ou seja, da possibilidade de se contaminar e, conseqüentemente, ir a óbito.

Recortes temporais marcados por crises sociais, especialmente epidemias, em muitos casos assinalam um contexto em que a humanidade contempla a própria finitude, vislumbra sua mortalidade e, especialmente ao considerarmos a segunda metade do século XIX no mundo ocidental, é neste panorama que a morte assume um novo significado, passando a ser temida por uma população que cada vez mais busca negá-la (Ariès, 2012).

É preciso lembrar que, em muitas sociedades, e até a primeira metade do século XIX em diversos espaços no Brasil oitocentista, havia uma preocupação social com uma ideia de “bem morrer” no sentido de garantir os ritos fúnebres apropriados aos seus mortos. Estas ações eram realizadas não somente pensando no bem-estar e segurança daqueles que contemplavam a possibilidade do fim de sua existência, mas também naqueles que ainda se encontravam no mundo mortal, haja visto que aqueles que já haviam falecido poderiam posteriormente interceder a favor dos vivos e auxiliá-los quando chegasse a sua hora de fazer a passagem para um outro mundo.

Neste sentido, a possibilidade da morte sem os devidos preparativos, como a extrema-unção, ou os sacramentos adequados, era motivo de angústia e receios por parte da população que não apenas perdia um ente querido como poderia observar sua partida desassistida para o além-vida (Reis, 1991). Em surtos epidêmicos, por sua vez, o número significativo de mortos e a impossibilidade de estar próximo da pessoa falecida alterou essa relação estabelecida entre os vivos e mortos de modo que, a partir da segunda metade do período oitocentista, em função de diversas epidemias que afetavam o Brasil, a exemplo do cólera, a “[...] a morte deixava de ser uma festa para se tornar tragédia” (David, 1993, p. 135).

Assim, é evidente na documentação este sentimento, esta percepção em torno do medo. A doença “assustava”, produzia temores, criava paisagens diferentes, paisagens do medo, agora cada vez mais assinaladas pela morte. Temia-se, muitas

vezes, não apenas a doença em si, mas também o enfermo, percebido enquanto um portador daquele “mal” e, portanto, “[...] representavam uma ameaça mais específica [...]” (Tuan, 2005, p. 158).

Deste modo, ainda que o registro em si não indique um suposto medo do Outro em função da possibilidade de contágio pelo contato com uma pessoa enferma, não seria algo impossível de ter se sucedido neste contexto, haja visto que esta situação se sucedeu durante epidemias de outras enfermidades ocorridas no mesmo século e que também afetaram Amarração, a exemplo do cólera, na qual “[...] os doentes pareciam não somente as vítimas do mal, mas os causadores” (Tuan, 2005, p. 166).

O medo que se fazia presente, além da preocupação com a população mais pobre que era afetada pela doença, então, não se relacionava apenas com a possibilidade de situações de revoltas ou convulsões sociais, conforme indicado, mas também com o horror produzido pela enfermidade, por uma nova paisagem que cada vez mais lembrava àqueles sujeitos o quão frágil a vida humana é e o quão fugaz nossa existência pode se tornar.

Por fim, cabe ainda uma última questão a se assinalar, necessária ao considerarmos o ofício do historiador e o cuidado que devemos ter ao nos depararmos com qualquer tipo de documentação, isto é, ponderar acerca das intencionalidades presentes durante a produção daquele vestígio.

Neste sentido, a vinculação política do jornal, assim como do presidente da província, torna-se pertinente, e nos auxilia também a compreender os motivos do uso de certas palavras, de críticas ou de supostas ações que, aparentemente, estavam sendo empregadas naquele contexto.

Deste modo, os comentários presentes no periódico analisado, isto é, “O Cearense”, que reportavam a situação posta, devem ser considerados mediante a conjuntura política, tendo em vista que à época o presidente da província do Ceará era correligionário do Partido Conservador, em detrimento ao jornal, que era vinculado ao Partido Liberal na província cearense.

Portanto, algumas linhas de interpretação se tornam possíveis quando analisamos os discursos veiculados no jornal tendo em vista as questões políticas neste momento. A primeira destas se refere à ineficiência do governo da província em lidar com a crise presente nas diversas comarcas afetadas pelas febres intermitentes, reforçando a assertiva do periódico quanto aos recursos insuficientes que estavam

sendo enviados, sua má aplicação e uma atuação problemática da presidência da província.

A segunda, por sua vez, denota os aspectos político-partidários, indicando que, possivelmente, a crítica produzida pelo periódico liberal ao governo provincial conservador estivesse sendo realizada devido às disputas de poder existentes à época na província entre correligionários de ambos os partidos. Assim, por se tratar de um momento em que a presidência da província estava sendo ocupado por um conservador, o tom da crítica seria reforçado pelo jornal em questão, por se tratar de um órgão liberal.

Esta possibilidade não é improvável ao considerarmos que, alguns anos depois, em 1884, após a permuta territorial entre Piauí e Ceará, a partir da qual Amarração volta a pertencer à província piauiense, quando a então vila vivenciava uma nova possibilidade de incursão do cólera por meio de seu porto marítimo, é possível encontrar registros de disputas políticas entre liberais e conservadores quanto à situação posta por meio dos periódicos “A Imprensa”, liberal, e “A Época”, conservador (Baptista, 2022).

No contexto em questão o periódico piauiense conservador questionava a presidência da província, ocupada por um liberal, acerca do que estava sendo realizado pelo governo provincial para evitar que o cólera adentrasse novamente o território piauiense, haja visto a existência de um porto marítimo em Amarração que mantinha contato rotineiramente com embarcações de outras províncias e de outros países, dentre estes últimos, espaços que vivenciavam um novo surto epidêmico da doença (Baptista, 2022).

O jornal conservador criticava também se o lazareto, construído ainda na gestão anterior para recebimento de possíveis coléricos para que ficassem em quarentena, seria suficiente para evitar que a doença tornasse a grassar de modo a se configurar enquanto uma epidemia no Piauí naquele momento. Nessa conjuntura, é interessante como o posicionamento do periódico suaviza o discurso ao se referir ao presidente anterior, sendo este conservador, e tem o cuidado de endurecer seu posicionamento ao se referir ao atual presidente liberal (Baptista, 2022).

O terceiro e último viés interpretativo que podemos sugerir alude para a eventualidade de, ainda que a presidência da província percebesse o cenário enquanto uma situação delicada, potencialmente problemática, tendo em vista a

percepção em torno dos menos abastados enquanto “classes perigosas”, não havia uma preocupação tão evidente com a conjuntura à medida que, segundo o relatório presidencial, teriam sido enviados não apenas recursos suficientes, mas foram encaminhados ao tempo em que cada localidade solicitava auxílio do governo.

Assim, foi possível observar e analisar, no decorrer desta narrativa, os distintos modos em que o surto epidêmico de febres intermitentes/palustres marcou o distrito de Amaração no litoral do Ceará na divisa norte da referida província com o Piauí, enfatizando-se a percepção das elites sobre a conjuntura, as sensibilidades produzidas, bem como o contexto político de época.

## **2. Considerações finais**

O ano de 1872 evidenciou, então, uma nova situação conflituosa no distrito de Amaração. Tratou-se de uma conjuntura na qual, mais uma vez, as populações que ali viviam, especialmente as menos abastadas, tiveram seus cotidianos alterados em função do surto epidêmico que afetava a localidade e sua paisagem.

Refere-se a um contexto em que foi possível perceber diversos aspectos que também faziam parte das vidas dos indivíduos que ali viviam, sendo estes políticos, culturais, sociais e econômicos, à medida em que, a partir dos documentos analisados, estas questões se tornavam aparentes.

Deste modo, foram notáveis as celeumas políticas existentes entre conservadores e liberais destacadas, especialmente, pelas críticas e termos utilizados pelo periódico liberal “O Cearense” ao questionar a presidência da província, ocupada no momento por um conservador, sobre as medidas que estavam sendo tomadas para mitigar a situação.

Conflitos estes que seguem ocorrendo na localidade nos anos seguintes, seja por questões políticas, mas também em função de crises sanitárias, a exemplo do caso que envolveu a necessidade de construção de um lazareto em 1884 no porto de Amaração por temor a uma nova epidemia do cólera que poderia grassar no Piauí por meio do transporte de passageiros e comércio de mercadorias ali realizados.

Destarte, foi possível observar ainda a preocupação nos registros utilizados quanto às populações menos abastadas, principalmente os indigentes, indicando que esta ocorria em decorrência, especialmente, do receio que existia naquela conjuntura

destes grupos sociais, percebidos enquanto “classes perigosas” e a possibilidade de convulsões sociais que estes poderiam ocasionar.

Tratava-se, naquele contexto, de um pavor comum ao considerarmos o imaginário social das elites brasileiras em fins do período oitocentista, sendo, portanto, uma percepção presente não somente em Amaração, muito menos nas províncias do norte, mas em vários recortes espaciais no Brasil da época.

Tratamos ainda acerca das sensibilidades produzidas naquele momento, notadamente como uma situação limite, no caso, a epidemia de febres intermitentes/palustres, poderia gerar nas pessoas acometidas pela enfermidade o medo. Medo não apenas de se contaminar, mas também de terminar indo a óbito, principalmente considerando o número elevado de pessoas enfermas e que, aparentemente, estavam falecendo na localidade.

Assim, estes registros denotam como as sensibilidades, neste caso em particular, o medo do indivíduo de contrair uma doença e, em função disso, a contemplação de sua própria morte, também possuem uma historicidade. E, por possuírem uma historicidade, bem como despertarem interesse para a sociedade no tempo presente, torna-se possível e necessário ao historiador refletir sobre estas questões em momentos pretéritos.

Assim, encerramos este artigo, cientes de que a narrativa aqui costurada, ainda que fabricada por meio de documentos produzidos por grupos letrados abastados, especialmente considerando o recorte temporal em questão, tentou não somente discutir sobre estes sujeitos, mas através de uma leitura a contrapelo produzir um outro olhar sobre aqueles historicamente marginalizados, depreciados por uma sociedade que, ao longo do tempo, atuou no sentido de excluí-los, confeccionando uma História que também esteja preocupada com estes indivíduos e suas vidas.

## Referências bibliográficas

ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. “Pobre Ceará, a que mãos estás entregue em uma quadra destas!”: cólera, imprensa e política (1862). In: CHRISTILLINO, Cristiano Luís; SCHETTINI, Vitória Fernanda (org.). **Política e sociedade no Brasil oitocentista**. Recife: UFPE, 2020. p. 63-86.

ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. **Quando o “Anjo do Extermínio” se aproxima de nós**: representações sobre o cólera no semanário cratense O Araripe (1855-1864).

2010. 245 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **Cotidiano e pobreza**: a magia da sobrevivência em Teresina. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho. **Entre o porto e a estação**: histórias da vila de Amarração no litoral do Piauí (1880 – 1930). Teresina: Cancioneiro, 2023.

BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho. **Uma província enferma**: medo e cólera no Piauí na segunda metade do século XIX. Teresina: Cancioneiro, 2022.

BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. Do “assombro” à morte: possibilidades de se pensar o medo, varíola e raiva no Piauí na segunda metade do século XIX. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, v. 10, n. 25, p. 64-79, jan./jul.2021.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. *Proletários das secas*: arranjos e desarranjos nas fronteiras do trabalho (1877-1919). 2014. 352 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Centro de Humanidades, Departamento de História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2012.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa, Portugal: DIFEL, 2002.

DAVID, Onildo Reis. **O Inimigo Invisível**: A epidemia do cólera na Bahia em 1855-56. 1993. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1993.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



DEL PRIORE, Mary. O Império: panela fervilhante de moléstias e epidemias. *In*: \_\_\_\_\_. **Histórias da gente brasileira**: v. 2 – Império. São Paulo: LeYa, 2016. p. 304-315.

FERNANDES, Ana Carla Sabino. **A Imprensa em pauta**: Entre as contendas e paixões partidárias dos jornais *Cearense*, *Pedro II* e *Constituição* na segunda metade do século XIX. 2004. 206 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

FRANCO, Sebastião Pimentel; NOGUEIRA, André Luís Lima. Entre práticas e curas: as polivalentes formas de se enfrentar a epidemia do cólera no Espírito Santo. *In*: FRANCO, Sebastião Pimentel; PIMENTA, Tânia Salgado; MOTA, André (org.). **No rastro das províncias**: as epidemias no Brasil oitocentista. Vitória: EDUFES, 2019. p. 143-168.

GOULART, Adriana da Costa. **Um cenário mefistofélico**: gripe espanhola no Rio de Janeiro. 2003. 214 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

LE MOS, Mayara de Almeida. **Terror no sertão do Ceará**: o cólera e seus flagelos. Fortaleza: EDUECE, 2016.

MACIEL, Dhenis Silva. **Dos sujeitos, dos medos, da espera**: a construção social do cólera-morbus na província cearense (1855-1863). 2017. 269 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

MASTROMAURO, Giovana Carla. Surtos epidêmicos, teoria miasmática e teoria bacteriológica: instrumentos de intervenção nos comportamentos dos habitantes da cidade do século XIX e início do XX. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-14.

MELO FILHO, Antônio. **Teresina**: a condição da saúde pública na Primeira República (1889-1930). 2000. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. Prefácio. *In*: FRANCO, Sebastião Pimentel; PIMENTA, Tânia Salgado; MOTA, André (org.). **No rastro das províncias**: as epidemias no Brasil oitocentista. Vitória: EDUFES, 2019. p. 6-8.

NERY, Ana Karoline de Freitas. **Políticas Públicas de Saúde, Doenças e Medicamentos em Teresina durante as décadas de 1930 e 1940**. 2021. 228 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021.

NERY, Ana Karoline de Freitas; CARDOSO, Elizangela Barbosa. O Impaludismo/ Malária no Piauí: medidas profiláticas e ações terapêuticas para o tratamento entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, SE, v. 15, n. 29, p. 135-154, dez. 2021.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí v.4**. Teresina: FUNDAPI: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SANTANA, Márcia Castelo Branco. **Asilo de alienados de Teresina**: história da assistência e da institucionalização dos loucos[as] no Piauí (1880 a 1920) 2017. 250 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SENADOR Tomás Pompeu de Souza Brasil. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, ano 14, n. 56, p.5-44, out./dez. 1977.

STUDART, Guilherme Barão de. **Climatologia, epidemias e endemias do Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**. São Paulo: UNESP, 2005.

UJVARI, Stefan Cunha. **A história da humanidade contada pelos vírus**: bactérias, parasitas e outros microorganismos. São Paulo: Contexto, 2012.

## Fontes

A SITUAÇÃO da Granja. **O Cearense**, Fortaleza, ano 25, n. 24, p. 2, 24 mar. 1872.

BRAZIL. **Recenseamento do Brasil em 1872**. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, 1874.

CEARÁ. Presidência da Província. **Relatorio com que o Excellentissimo Senhor Commendador João Wilkens de Mattos abriu a 1ª sessão da 21ª Legislatura da Assembléa Provincial do Ceará no dia 20 de outubro 1872.** Fortaleza: Typographia Constitucional, 1873.

EPEDIMIAS. **O Cearense**, Fortaleza, ano 25, n. 20, p. 2, 10 mar. 1872.

EPIDEMIA na Amarração. **O Cearense**, Fortaleza, ano 25, n. 37, p. 1, 9 maio. 1872.

GRANDES Invernos e Inundações. **O Cearense**, Fortaleza, 34, n. 20, p.1-2, 27 fev. 1880.

PESTE e fome. **O Cearense**, Fortaleza, ano 25, n. 24, p. 2, 24 mar. 1872.

PIAUHY. Governo do Estado. **Mensagem apresentada à Camara Legislativa pelo Exm. Snr. Dr. Euripedes Clementino de Aguiar, Governador do Estado, a 1º de junho de 1920.** Theresina: Typ. do “O Piauhys”, 1920.

PIAUHY. Governo do Estado. **Mensagem lida à 1º de junho de 1927 perante a Camara Legislativa do Estado do Piauhys, pelo Governador Exm. Snr. Dr. Mathias Olympio de Mello.** Theresina: [s. n.], 1927.